



CORPO DE DELITO

Ann Smiley smiles?

Nunca se conhece bem e verdadeiramente quem está ao nosso lado, por mais anos que passem, por mais que se viva em comum, por mais que se preste atenção; se cada um de nós é um mistério para si mesmo, imaginemos então o mistério que é para o outro



Rui Patrício

Há tanta coisa para ler, ver e fazer, o tempo é curto, o silêncio é luxuoso, o sossego é escasso e, todavia, regressa-se a livros já lidos, filmes já vistos, lugares já vividos. Nem sei bem porquê, embora saiba que não é para recuperar felicidades passadas, não só porque isso não existe, mas também porque alguns regressos são a obras e a lugares de tempos não tão felizes assim. Talvez seja aquela coisa do retorno, talvez seja o bicho da meia-idade a roer, sei lá. Tenho, por exemplo, regressado às páginas da chamada “trilogia Karla” de Le Carré. Lugar-comum tão inevitável quanto verdadeiro: em cada regresso, vemos e sentimos coisas diferentes, tudo muda, sobretudo nós. Desta vez, a minha atenção prendeu-se a Ann e George Smiley, ao seu casamento em aparente ruína, aos adultérios de Ann, aos sentimentos dele – tão indefinidos e complexos, algo entre nostalgia, amargura, indiferença, aceitação, repulsa, desejo. Algo tão indefinido quanto todos os sentimentos, e bem mais complexo – e desta vez mais importante na leitura, coisas de cada momento na vida – do que o “Circus”, as toupeiras, as operações, os colegas ilustres e toda aquela gente, e o caleidoscópio de encenação, traição, lealdade,

Nunca se conhece bem quem está ao nosso lado, por mais anos que passem, por mais que se viva em comum, por mais atenção que se preste

inteligência, duplicidade, precipitação, ressentimento, êxito e fracasso de que são feitas as tramas de Le Carré, que só aparentemente são sobre espões. E Ann, que sentirá ela (tão ausente, mesmo no terceiro livro), porque age ela como o autor nos diz que age? Será que sabemos alguma coisa dela, realmente, saberemos porque é que alguém age como age, faz o que faz? Será que ela sabe? Será que o faz por gosto? Será que sorri sequer, terá prazer, viverá momentos felizes? Sabemos ainda menos dela do que dos sentimentos de George, ainda que este tente esconder-se por detrás dos seus óculos de massa old fashioned e do seu falso desprendimento. Mas, pelo menos, duas coisas sabemos, quer sobre Ann e George, quer sobre todos os pares. Uma, nunca se conhece bem e verdadeiramente quem está ao nosso lado, por mais anos que passem, por mais que se viva em comum, por mais que se preste atenção. Se cada um de nós é um mistério para si mesmo, imaginemos então o mistério que é para o outro, sobretudo em relações de amor ou outras formas de afeto, pois o amor e o afeto, como se sabe desde que o mundo é mundo, afinam a necessidade e a dependência, mas desafinam a atenção e a percepção. E a outra coisa que sabemos é que, afinal, nunca sabemos bem, nunca temos a certeza – mesmo quando pensamos ter a certeza sobre nós – se a outra pessoa quer a nossa entrega, e como a quer. Podemos sentir, e querer, que temos de nos oferecer, mas nunca sabemos bem se o outro quer que nos ofereçamos e, sobretudo, como. E desse mistério brotam encontros e desencontros, farsas, tragédias, felicidades e seus arremedos, e aí assentam também a vida e a arte, que aí e assim respiram, mesmo (ou et pour cause) que concluamos que Ann, afinal, não sorri, antes pelo contrário, ou que sorri menos – quem diria? – do que George.

Escreve quinzenalmente à sexta-feira